

Julho tem deflação e nova queda do IPCA é prevista para agosto

Indicadores Trégua na inflação

Julho tem deflação e mercado já vê nova queda em agosto

— Recuo de 0,68%, após corte de ICMS em combustíveis, é o maior da série iniciada em 1980; para analistas, as reduções são pontuais

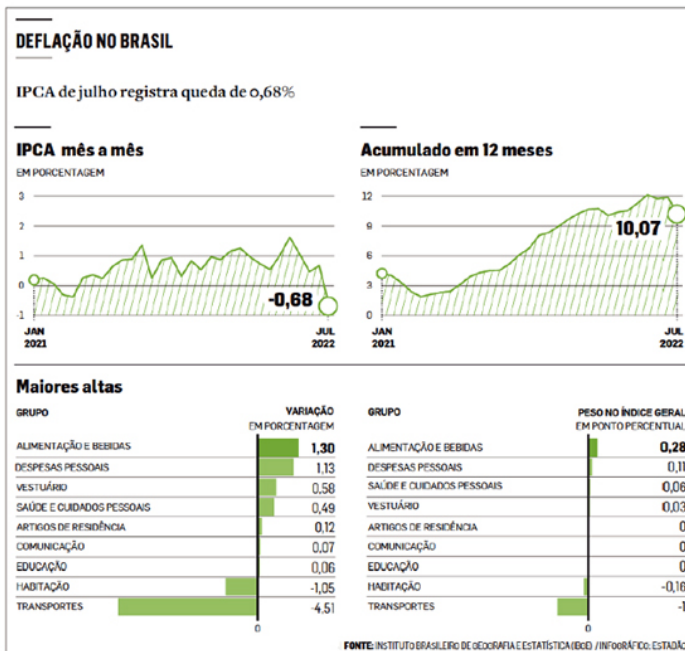
DANIELA AMORIM RIO

A redução do ICMS sobre combustíveis e energia elétrica levou a uma deflação de 0,68% em julho. O recuo do Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) é o maior registrado em um mês na série histórica iniciada em janeiro de 1980 pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Alguns economistas preveem nova deflação em agosto, embora menos intensa, ainda decorrente da queda dos preços administrados pelo governo.

“Pela nossa projeção, a inflação acumulada em 12 meses volta para o patamar de um dígito em agosto, quando o IPCA deve ter mais uma deflação, de 0,32%. No entanto, esta redução é pontual”, avaliou Claudia Moreno, economista do C6 Bank, em nota. “Ou seja, se excluirmos os fatores pontuais, a inflação segue alta”, completou.

O IPCA acumulado em 12 meses recuou para 10,07% em julho, mas permanece no patamar de dois dígitos há 11 meses consecutivos e muito acima da meta de inflação que deveria ser alcançada pelo Banco Central no ano, de 3,5% (com teto de tolerância de 5%).

O economista Luis Menon, da



gestora de recursos Garde Asset Management, prevê queda de 0,20% do IPCA de agosto e alta de 0,40% em setembro. “Uma inflação mais próxima de 0,50% e não acima de 1%, como foi no primeiro

semestre”, comparou. “Teremos alguns efeitos defasados do corte de ICMS, porque alguns Estados aderiram ao longo de julho, e efeitos dos cortes da Petrobras (nos preços dos combustíveis), que devem impactar

majoritariamente em agosto.”

Em julho, a gasolina ficou 15,48% mais barata; o etanol, 11,38%; e a energia, 5,78%. Juntos, os três itens ajudaram a conter a inflação em 1,38 ponto por-

centual. “Se não fosse essa queda, o IPCA de julho teria uma alta de 0,70%”, calculou Moreno.

“A redução do ICMS contribuiu bastante para a deflação observada no IPCA de julho”, confirmou Pedro Kislanov, gerente do Sistema Nacional de Índices de Preços do IBGE. “Esse efeito deve ficar mais concentrado no IPCA de julho”, disse. O único combustível com alta no mês foi o óleo diesel (4,59%) – sobre o qual o teto de ICMS teve pouco efeito, porque a alíquota já era inferior a 18% na maioria dos Estados. O item influencia os preços de outros produtos, por conta do encarecimento do frete.

O QUE AINDA PESA. Em julho, 63% dos itens pesquisados mostraram altas de preços. O “vilão” foi o leite longa-vida, que subiu 25,46%, depois dos 10,72% em junho. Também ficaram mais caros derivados do leite como queijo (5,28%), manteiga (5,75%) e leite condensado (6,66%).

A inflação de serviços – termômetro de pressões de demanda sobre os preços – subiu 0,80%. Já os preços de itens monitorados pelo governo tiveram um tombo de 4,35%. Houve pressão em julho de passagens aéreas (8,02%) e alimentação fora de casa (0,82%), além de outros segmentos ligados ao turismo.

A gestora de recursos Kíntiro Capital espera deflação de 0,25% em agosto, com nova queda de preços administrados e arrefecimento de bens industriais, mas vê pressões “relevantes e disseminadas” nos serviços. Em nota, João Savignon, economista da gestora, lembrou que as expectativas para a inflação futura seguem acima da meta num ambiente de “riscos fiscais domésticos amplificados e o Banco Central dando claros sinais de encerramento do ciclo de elevação dos juros”. ● COLABOROU MARIANNA GUALTER

Inflação em queda mantém Bolsonaro no páreo

ANÁLISE

SILVIO CASCIONE

A queda dos preços ao consumidor em julho é a manchete do dia, mas não chega a ser uma surpresa. As expectativas de mercado já indicavam deflação para o mês passado, algo que deve se repetir em agosto.

Os consumidores também

já vinham sentindo a melhora, especialmente nos dois itens mais importantes para o resultado do mês passado: combustíveis e energia.

Quem abastece o carro com gasolina já tem convivido há semanas com descontos de mais de R\$1 por litro nos postos, em relação aos preços de maio e junho.

O efeito da inflação baixa sobre a popularidade do presidente Bolsonaro e sobre as eleições de outubro, portanto, já

está bastante refletido nas pesquisas eleitorais mais recentes.

Os preços de alimentos continuam em alta, atrapalhando a campanha de Bolsonaro entre os mais pobres. Mas, com os combustíveis em baixa, Bolsonaro tem recuperado um pouco de apoio entre eleitores arrepentidos, que o apoiaram em 2018 e agora se mantinham mais a distância.

A queda recente da inflação e a recuperação do mercado de

trabalho contribuíram para que Bolsonaro melhorasse sua popularidade ao longo do ano e continuasse no páreo. As chances de Bolsonaro vencer a eleição até subiram um pouco de um mês para cá.

Contexto global
O cenário um pouco mais calmo no exterior também ajuda o presidente

Mas olhar para a deflação de julho é olhar para o retrovisor. Para Bolsonaro vencer a eleição, ele precisa que as notícias boas continuem.

O cenário internacional um

pouco mais calmo, com preços em queda, ajuda o presidente. Para Bolsonaro, é importante não só que o Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) de agosto também aponte deflação, mas que a Petrobras continue reduzindo os preços da gasolina e do diesel em setembro e outubro.

Uma eventual queda do dólar também poderia ajudar a reduzir preços de alimentos. O mercado de trabalho precisa continuar quente. A cada notícia como essa, Bolsonaro pode reduzir um pouco mais a distância que ainda o separa de Lula. ●

MESTRE EM CIÊNCIA POLÍTICA PELA UNB E DIRETOR DA CONSULTORIA EURASIA GROUP

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal O Estado de S. Paulo

Seção: Economia & Negócios **Caderno:** B **Página:** 1